



Testemunho sobre o perdão em família

Cécil e Emmanuel HATEY

APRESENTAÇÃO:

Somos Cécile & Emmanuel Hatey, habitamos em Le Mans, no Oeste de França. Estamos casados há 19 anos e somos membros das Equipes de Nossa Senhora há 14 anos. Somos pais de uma alegre tribo de 6 filhos, 4 moças e 2 rapazes: Salomé de 16; Augustine de 14; Domitille de 13; Maximilien de 10; Zélie de 7 e Bosco de 2 e ½.

CONTEXTO/INTRODUÇÃO:

Assim que a Equipe Responsável Internacional nos pediu para testemunhar, hoje, perante vós, sobre o perdão em família, a nossa primeira reflexão levou-nos aos “argumentos para recusar”. Não tínhamos planeado vir a Fátima e, sobretudo, não tínhamos tido nenhuma vivência extraordinária nesta matéria, nada de “grandes” feridas, nada de “grande” perdão. Mas não podíamos simplesmente dizer “não” a este pedido motivado das Equipes de Nossa Senhora. O que nos levou a ir um pouco mais longe na reflexão... Assim, apercebemo-nos que não dávamos de todo a mesma importância ao perdão em família e ao perdão em casal. Até então, estávamos, sobretudo, focalizados no segundo. E mesmo vivendo o perdão em família, sentimos que, por vezes, lhe faltava profundidade... Por conseguinte, este apelo a testemunhar pareceu-nos uma oportunidade para começá-lo a viver de forma mais autêntica.

Para nos encorajar nesta caminhada, no domingo que se seguiu à nossa resposta, foi-nos dado o Evangelho de S. Mateus, Capítulo 18, no qual Pedro pergunta a Jesus quanta vezes deveria perdoar ao seu irmão e Jesus lhe responde “não te digo 7 vezes, mas 70 vezes 7”. A mensagem era clara: sentimos perfeitamente que o Senhor nos esperava ali.

Para vos apresentar o nosso testemunho, faremos convosco, numa primeira abordagem, um inventário do que vivíamos em relação ao perdão em família, no momento do pedido das Equipes de Nossa Senhora, e depois enumeraremos o que concretizamos, desde então, para avançar neste aspecto.

PONTO DE SITUAÇÃO

Vivíamos com bastante naturalidade o perdão em casal, graças à preparação para o Matrimônio que tínhamos recebido, graças aos Padres que nos acompanharam, graças ao Dever de Sentar.



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro
Internacional - Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

Quanto ao perdão em família, este tinha o seu lugar nas nossas relações familiares, mas o abordávamos de um modo menos estruturado, menos bem-sucedido que o perdão em casal. No entanto, levávamos a cabo certas tarefas: tentar, quando pensávamos nisso, pedir perdão aos nossos filhos depois de os ter magoado; velar para que eles fossem testemunhas dos nossos pedidos de perdão em casal quando tivemos uma desavença à frente deles; exigir deles que pedissem sistematicamente desculpa quando tivessem ofendido uma irmã, um irmão ou qualquer outra pessoa; no gesto da paz na Missa de domingo, que estivessem conscientes de que trocam um sinal de afeto entre eles e conosco (mesmo que isso acarrete uma alegre desordem e leve algum tempo). Também a nossa oração familiar convidava cada um a dizer “obrigado”, “desculpa” e “por favor”. Tínhamos assim uns tempos privilegiados (e os temos todos os dias) para recriar a união familiar quando era necessária. E além disso tinha havido um momento marcante vivido alguns anos antes: uma marcha do perdão, em família, em Lourdes. Para que cada um recebesse o Sacramento da Reconciliação, tínhamos esperado pela “nossa vez” todos juntos! Assim que nos voltamos a juntar, estávamos todos “num mesmo estado de graça” (enfim, apenas alguns minutos, porque as brigas entre as nossas crianças rapidamente levaram a melhor). Mas tínhamos experimentado em conjunto o amor incondicional de Nosso Senhor, que nos permite, por nossa vez, poder amar e perdoar.

Mas a atenção dispensada, nestes meses de reflexão, ao perdão na nossa família fez sobressair o que nos faltava e o que nos impedia de viver o autêntico perdão.

Percebemos então que os pedidos de desculpas trocados com os nossos filhos, ou entre eles, muitas vezes não eram mais que uma resposta uns aos outros, que eram feitos de maneira precipitada e sobre o mesmo esquema: uma ofensa, um perdão (na maior parte dos casos feitos sob a nossa imposição, quando éramos testemunhas de uma falta), depois o beijo da paz no minuto seguinte. Isto sempre que as crianças estavam dispostas a fazê-lo – o que acontecia raramente.

Todavia, e experienciávamos nos nossos perdões em casal, esta atitude está ligada ao fator duração, podendo o coração ter necessidade de tempo para pedir perdão e perdoar.

Esta precipitação acarretava igualmente um reflexo no tipo de emenda (um “peço-te perdão” / um beijo). Não tínhamos verdadeiramente em conta a idade, a maturidade ou a sensibilidade de cada um; o esquema ofensa/perdão/beijo da paz era aplicado de igual forma aos grandes como aos pequenos, desde que tivéssemos assistido à ofensa.



Muitas vezes isto dava origem a recusas, caretas, com os nossos filhos a ficarem renitentes em abraçar no momento o irmão ou a irmã (quer fossem eles ou não ofendidos). A marcha do perdão poderia, então, ser posta em causa devido a esta última reação!

Apercebemo-nos também que os nossos filhos não pediam perdão espontaneamente, não porque não tivessem vontade, mas porque não tinham a verdadeira consciência do mal que infligiam ao outro. Ou então porque, simplesmente, o que poderia ofender o outro não os ofendia a eles.

Uma anedota: uma das meninas ficou doente uma manhã e não foi à escola. A irmã encontra as amigas dela no recreio e diz-lhes que a irmã não iria à escola. Uma das amigas responde que tinham um teste escrito... A nossa filha, feliz por poder fazer um pouco de humor, responde que se a irmã está a sofrer é certamente por causa do dever. Isto fez rir toda a gente... toda a gente menos a nossa filha doente, que se sentiu ridicularizada e humilhada em frente às suas amigas pela irmã, que só pensava em fazer rir a audiência.

No processo de crescimento, a consciência da diferença vai ocupando o seu devido lugar. Felizmente! Vemos bem que entre a Salomé de 16 anos e a Zélie, de 7, há uma sutileza na relação que se vai adquirindo ao longo dos anos.

OS NOSSOS PROGRESSOS:

Com base neste inventário, pusemos em causa certos hábitos familiares.

Em primeiro, os nossos, enquanto pais. Falemos do que todos aqui conhecemos: o Dever de Sentar.

Apercebemo-nos que este coração a coração poderia, neste caso, facilitar o progresso do perdão, seja em relação ao casal, evidentemente, mas seja também em relação aos nossos filhos. Com efeito, pessoalmente e no que diz respeito às mudanças em casal, passamos a seguir um esquema em que um dos pontos assenta sobre “em que é que te poderei ter magoado?”.

Chegou a acontecer, no momento do Dever de Sentar, um de nós se lembrar de uma frase ou de um comportamento que poderia ter magoado um dos nossos filhos, permitindo assim a tomada de consciência da necessidade de progresso no perdão. Aqui, a nossa sensibilidade como casal e a percepção dos acontecimentos saem reforçadas entre nós e permitem-nos compreender melhor quem são os nossos filhos e o que vivemos com eles.

Também nos apercebemos rapidamente que era necessário permitir aos nossos filhos terem um tempo só para eles para dizerem e se dizerem.

Assim, levamos a cabo um encontro a 3: nós e um filho reunidos num almoço.



O objetivo destas refeições é sobretudo criar um espaço para o diálogo, longe da irmandade que às vezes ocupa muito espaço.

Caso o nosso filho não enumere, de forma espontânea, as atitudes que o possam magoar, fazemos sistematicamente as seguintes perguntas: “O papai ou a mamãe magoaram-te? Os teus irmãos ou irmãs foram incorretos contigo ou magoaram-te?”.

Por outro lado, no caso de se queixar de uma indelicadeza, o fato de estar em um pequeno grupo facilita bastante as coisas para se falar sobre o assunto.

Já dissemos anteriormente que os nossos filhos nem sempre pedem desculpas por não terem consciência dos males que possam causar. Por isso, pareceu-nos bem ajudá-los a tomar consciência dos seus atos e das suas palavras e incitá-los, em seguida, a iniciarem um esforço de perdão. Incitar e não obrigar, é aí que se centra o nosso papel de pais junto dos nossos filhos mais velhos, sendo o perdão um ímpeto do coração.

Com os menores, pelo contrário, ficamos um pouco na obrigação de lhes ensinar as boas-maneiras.

Por último, estes tempos privilegiados permitem-nos estar atentos à sensibilidade de cada um e ao modo como sentem os acontecimentos.

Ainda no seguimento do nosso inventário, fizemos uma reflexão sobre como melhorar o perdão vivido no seio da irmandade.

Hoje, o exercício de “peço-te perdão, perdoo-te” feito de forma mais ou menos rápida, automática ou acompanhado de um beijo na face, os bons-dias, já não nos parece suficiente, mesmo que assente num ponto-chave, num estímulo. Compreendemos que o perdão se vive com tudo aquilo que somos. Com o coração, mas também com o corpo, somos seres incarnados.

Aliás, nenhum dos nossos filhos o vive do mesmo modo. Alguns, mais sensíveis, precisam de um longo abraço quando lhes são perdoadas as ofensas. Para outros, uma boa discussão com calma, de coração aberto, permite recriar o laço.

Apercebemo-nos que também damos daquilo que somos nos nossos esforços de perdão e que para que este se viva em verdade e profundidade será bom ter em conta a sensibilidade de cada um. O perdão é de certo modo ir ao encontro do outro, contribuindo para isso a intimidade que lhe conferimos.

É evidente que hoje, na nossa família, esta proximidade somos sobretudo nós, os pais, que a vivemos com eles. Entre eles, os nossos filhos ainda não estão lá, dependendo do seu carácter mais ou menos expansivo. Mas dizemo-nos que o fato de a viver conosco talvez lhes permita exprimi-la um dia, mais tarde.



Experimentamos, também, que o coração ofendido pode ajudar o outro a pedir perdão, se conseguir ter uma atitude benevolente, apesar da ofensa.

É verdade, isto não é normal e é mesmo difícil: fui ofendido, por isso tenho direito a um pedido de desculpas, bem firme nas minhas posições.

Mas, como é difícil, não tenhamos medo de meter o Senhor no meio dos nossos conflitos!

Uma noite lá em casa, tinha havido muitos gritos, uma disputa que surgiu do nada. O Emmanuel não estava, por isso não havia ninguém para acalmar os ânimos. A cólera instalou-se: estávamos todos num estado máximo de irritação. Pior ainda!

E então, o único meio que encontramos, para sair deste ambiente detestável, foi juntar-nos, rezarmos e esperar. Houve muitas lágrimas nessa noite, mas sentir o amor incondicional de Deus permitiu-nos: 1) acalmar-nos; 2) estar de novo em relação com os outros, portadores de um olhar benevolente sobre cada um; 3) fazer um esforço de perdão.

Nunca nos tinha ocorrido reunir-nos, assim, após uma disputa (cada um amuava no seu canto). Creio verdadeiramente que este progresso é um dos frutos destes tempos de reflexão sobre o assunto que nos interessa aqui... Sobre o perdão em família.

CONCLUSÃO

Para terminar, gostaríamos de dizer que o perdão em família evolui na sua forma, na sua execução, tal como a relação que temos uns com os outros. Os progressos obtidos nestes últimos meses e que partilhamos convosco não são mais que uma etapa. Pressentimos, por exemplo, que o perdão em família surgirá de modo diferente quando os nossos filhos forem adultos. Para favorecer estas evoluções, parece-nos importante discuti-las regularmente, mas também apoiar-nos nos perdões recebidos do Senhor pelo Sacramento da Reconciliação, a fim de conservarmos este desejo de perdoar.